

PQ
9697
.M444
M9
1877



R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

MYOSOTIS

MELLO
J. A. TEIXEIRA DE (MELLO)

INDIANA UNIVERSITY
LIBRARIES
BLOOMINGTON

MYOSOTIS

PQ

9697

.M444

M9

1877

RIO DE JANEIRO

Typ. COSMOPOLITA, rua Gonçalves Dias n. 19

1877

Maur

4-27-76

A MINHA MÃE

A MINHA MULHER, A MINHA FILHA

Creio que Deus é Deus e os homens livres !

— A. HERCULANO

Estes versos são o — adeus de despedida — á minha mocidade: pudesse eu tê-lá passado ~~to~~ la para elles... morreria satisfeito de haver vivido.

Dei-lhes o nome que levam, porque, como aquellas florinhas vivem á sombra e com pouco sol murcham e seccam, assim terão elles de morrer á luz vivissima da publicidade.

São, além d'isso, fructos extemporaneos: quando cantam Machado de Assis, Luis Delphino, Luis Guimarães, Pedro Luis, Joaquim Serra, Narcisa Amalia, Bernardo Guimarães, Gonçalves Crespo, e o senador F. Octaviano empuinha de novo a lyra melodiosa para nacionalisar os cantos melancolicos de Sélma e os sublimes arroubos do orgulhoso barde de Albion — devo limitar-me a ouvir-os e a extasiar-me.

Rio de Janeiro, 9 de Novembro de 1877.

RESURREIÇÃO

A' MINHA NOIVA, HOJE MINHA MULHER

Amo-te, virgem. Dera a vida inteira
Por ter um riso do teu labio em flor ;
Dera meu sangue e mocidade e tudo,
A terra e o céu, por ter o teu amor.

Não sei si um dia em teu schismar de virgem
A minha sombra a desmaiár passou ;
Sei so que te-amó, que estremeço ao vér-te
Dés' que o meu sonno o teu olhar turbou.

Bem sei que é pura e candida tua alma,
Mas tenho medo d'esse teu descor;
Soffres talvez e, sem cuidar, ja schismas :
Ja por tua alma o sol rompeu do amor ?

Deixa que eu colha o raio matutino
D'esse clarão que te-enlanguece assim...
Eu, que addivinho a pallidez que escondes,
Hei de dizer-te o que ella diz a mim.

Passa veloz o turbilhão da vida
Que tudo arranca e despedaça em flor,
E tu não tremes, não tens pressa e dormes,
E não despertas ao clarão do amor !

Mas tu não falas ! Timida te-callas !
Teu riso é mudo e teu olhar tambem !
Tudo parece qu'inda em ti dormita,
Ou teu desdem é da altivez que vem ?

Eu sei que é pura e limpida tua alma,
Mas tenho zelos d'esse teu pallor ;
E temo, oh virgem, que talvez ja désses
O que te-peço, o teu primeiro amor,

Nunca acordaste de ignorados sonhos,
Tumido o peito, o coração tambem ?
Ninguem te-disse o que sentias, nunca ?
Ninguem te-disse o que era amor ? Ninguem ? !

Dize que não !... Abençoado o labio
Que assim tão meigo nos-acalma a dor !
Diz'que fui eu que desvendei o encanto
Do teu primeiro e matinal amor.

Abril de 1860, Campos.

A' MOCIDADE

(A JOÃO F. D'ALMEIDA)

*Eheu fugaces, Posthume, Posthume,
Labuntur anni!*

HORACIO—Odes.

Oh, juventude, quão veloz te-escôas !
Quadra do casto amor, da poesia
Verdadeira, espontanea e pura e virgem !
Do outomno o gêlo esfria-me os arroubos,
Mas eu inda te-invoco, inda me-aqueço
Aos teus longinquos, merenchorios raios !
Mocidade gentil, tu és o enlévo,
O encanto da existencia ; ao teu regaço
O mundo é um paraíso, um céu aberto !

A um gesto teu mil sombras fugidias
No pensamento surgem graciosas,
Bem como ao pásse da varinha magica
Dos *Contos Orientaes*—huris e fadas :
As illusões pullulam, bretam flôres
Do rochedo mais arido e maninho :
O céu é sempre azul, o mar tranquillo,
Tepida a aragem, brandos os regatos
Que suspiram de amor pelas campinas,
A' sombra do arvoredo.

Das estréllas

Cahe tanta luz nas noites silenciosas,
E o silêncio da viva natureza
Diz-nos tantos segredos de ventura
Da mocidade na encantada estancia !

Juventude feliz, dos teus descuidos
Eu ja gozei tambem : hoje a saudade
Do teu passar tão rapido—me-trava
De amargor o restante da existencia.
Tu és a *primavera*, e ja o *outomno*
Me-toma a vida em meio, e embreve aghora
O *hynverno* e seus rigores hão de o resto
Encher-me do viver, si a fria morte
Os ossos meus não recalcar no tumulo.

Bem como a *flor do baile*
Que so á noite os seios perfumados
Abre e derrama o peregrino aroma

Que as almas embriaga e logo murcha,
Assim a mocidade as almas embalsama,
E empouco é sombra vaga, é uma saudade,
Que deixa um vacuo enorme—que o futuro
Nunca mais encherá. Os ferreos dias
Que se-seguem depois são lentos, frios,
Emphora a glória, as ambições de mando
E outras idéas vans encher o-queiram :
Nada mais tem o encanto indefinivel
Da quadra surridora da esperança,
Em que o toque da fimbria d'um vestido,
Uma flor exquecida, um olhar vago,
Uma palavra a mèdo murmurada,
Um aperto de mão a furto dado,
Têm tal valor, deixam tal sulco n'alma,
Que depois so se-vive da lembrança
D'esses *nadas* subtils que valem tanto !
— São flores que a voragem arrebata,
Pedaços d'alma, aqui e alli deixados
Nas urzes do caminho ! sonhos, sombras,
Que se-esvaem depressa ao frio sôpro
Das misérias da vida. As esperanças
Tombam sem azas, fulminadas, mortas,
Como un bando de pombos viajores
Que um raio aniquilou quando voavam.
Tudo é frio, pesado, inerte, mudo,
Depois que passa a epocha risonha
— Tão curta quão feliz !—da mocidade.

Campos, 1868.

IGNOTÆ DEÆ

(ESCRIPTA PARA O ALBUM DA EXMA. SRA. DO SENADOR
F. OCTAVIANO)

Quando eu dormir á sombra do salgueiro
Que em minha cova arrebentar por si,
Tu, que nem sabes por meus frios cantos
O que sou, o que fui e o que soffri,

Sôbre o meu nome, pobre grão de arêa
Que uma criança arremessou no mar,
Deixa uma gottæ, a unica de prancto,
Sôbre o meu nome lenta escorregar;

Como uma per'la que gentil princeza
Dos seus cabellos desprendesse rindo
E aos pés lançasse de voraz mendigo
Que em seu caminho adormeceu pedindo.

Ai ! tu não sabes como o leito é gélido
Aos que no seio as illusões seccaram !
Ai ! tu não sabes como é quente o tumulo
Aos que entre os vivos como um som passaram !

Eu, que por flores suspirei da terra,
Que não dormi por tanta flor do céu,
Que descorei por tanto olhar de fogo,
Coado a furto de zeloso véu ;

Que mergulhei em tanto mar de amores,
E me-enchuguei a tanto sol de outomno,
Que vejo o mundo aopé de mim e durmo...
Despertarei do meu pesado sonno.

E quando o mar por alta noite extenda
Lençóes de espuma em que se-deite a lua,
Aerolithe que incendeia o espaço
Virei banhar de luz a fronte tua.

E quando um dia a tempestade as azas
Por sôbre o azul do teu viver abrir,
Eu, da tormenta asserenando o grito,
Virei aopé do teu dormir—dormir.

Rio, 1859.

VOTO

(NO ALBUM DO SR. E. J. JANVROT)

Que a tua vida seja—aghora e sempre—
Como um tranquillo e transparente lago,
Onde do amor a viração susurre
Como um perpétuo e perennal afago ;

Que nunca o sul impetuoso o tolde :
Que noite e dia vejas vir o mago,
Bello ideial dos teus rosados sonhos
Banhar-se sempre no formoso lago.

Campos, Maio de 1862.

PERDÃO !

A' M.

Perdão, si est'alma atrevida
Ousou cahir a teus pés !
Perdida de amor, perdida,
Não viu decerto o que fez.

Tua louçan primavera
Tentou a pobre coitada...
Aghora tua alma impéra
Onde era feio deserto...

Eu a-quizera callada,
Mas a misera delira,
E quer nas chamas decreto
Dos teus olhos aquecer-se
E viver d'essa mentira
Que não é para dizer-se ;
Pois um amor impossivel
Rojar-me faz a teus pés.
E's anjo, mulher não és...
Minh'alma ardente, sensivel,
Audaz, inquieta, sombria,
Talvez vencesse o impossivel
Para te-amar um so dia
E aniquilar-se a teus pés.

Perdôa-me, oh anjo, o crime
Que a tua belleza fez.
Mas este amor que me-opprime
Não é um crime talvez ;
Pois é a chamma apagada
Que se-renova outra vez,
Que de subito se-ateia
Na minha longa hynvernada
E de nada se-arreceia
— Do mundo, de Deus, de nada!—
Para morrer a teus pés.

Janeiro 6.

AMEMOS

*L'amour sait tout franchir, et bienheureux qui laisse
La sueur de son front aux pieds de sa maîtresse !*

MUSSET — PORTIA

Não penses nunca no porvir, medrosa!...
A vida é um sonho quando a não sentimos :
Deixa que o amor no seio teu se-anime ;
Goza da vida, tu que és toda mimos.

Deve ser doce ao seio teu morrer-se,
Sentir-se a vida evaporar-se em gôso,
Envelhecer-se e remoçar-se a um tempo!
Deve ser mais que um rei o ser ditoso.

Deve ser bello abandonnar-se ás cegas
Aos braços voluptuosos da ventura ;
Exquecer-se o porvir, o mundo, o tempo !
Quando o gôso requinta o amor se apura.

Deve ser doce humedecer-se os labios
No beijo a furto da mulher que amâmos :
Ensopar-se nas lagrymas ardentes
Da mulher que addivinha o que calâmos ;

Alma e corpo vender-se a um longo beijo,
Apagar-se a razão n'alma vendida,
Accendel-a na luz d'esses teus olhos
E morrer de languor aopé da vida.

A linda imagem de teu rosto meigo
Vai de hoje em diante me-servir de guia ;
Teus grandes olhos onde um sol rutila
Vão minha noite transformar em dia.

Meus labios ardem por beijar teus labios ;
Meu peito arqueja do prazer de amar-te ;
Tua imagem pura vai dourar-me os sonhos :
Em paga um throno desejára eu dar-te.

Sonhei contigo : eu era teu, tu minha !
Ia roubar um beijo teu... fugiste !
Ah ! como é triste adormecer sosinho !
Acordar-se sosinho inda é mais triste !

Quando partires partirei contigo :
Por toda a parte seguirei teus passos ;
Levas minh'alma em teus cabellos prêza :
Quem pôde aghora desapatar taes laços ? !

Levas minh'alma ao teu olhar captiva ;
Meu peito aghora teu amor tem cheio...
Que venha a morte carregar-me, embhora !
Pôsso morrer, si te-morrer ao seio.

O tempo é nosso, o mundo nosso escravo,
Morbida a lua, a noite vaporosa !
São teus meus sonhos, meu amor, minh'alma...
Não, não te-importes co'o porvir, medrosa !

VEM!...

In video quia quiescunt.

Vem, lubrica visão das minhas noites,
Por sôbre o leito meu roçar de leve ;
Vem nas azas da noite e da neblina
No meu peito aquecer teus pés de neve.

Quero ao labio encostar teus alvos seios
— Morno berço em que amor embala a vida ;
Quero o mundo exquecer aos teus affagos,
E ao porvir caminhar de fronte erguida.

E orgulhoso de ti, de mim, falar-te
D'esse amor que assuberba o mundo inteiro...
Como é lindo o luar! Ao som dos remos
Como canta de amor o marinheiro !

Nao vês tu como o mar cansado geme
E em seu leito de insomnia desespera,
E, por cima do mar, as andorinhas
Levam n'aza e no biccó a primavera?

Não vês tu como a vida se-derrama
Onde a morte uma vez poiso o pé?
— So eu fujo ao banquete da existencia...
Vem tu pois reerguer a minha fé.

Vem! Pergunta o caminho áquella estrélla
Que a seus pés como escrava o sol conduz,
Que suberba interroga o mar e a noite,
Saccudindo das tranças tanta luz.

Essa estrélla, mulher, sabe segredos
Que o passado não diz na voz sumida :
Sabe as lendas de mel das nossas noites
De deliquios de morte aopé da vida.

Borboleta de luz—passava sempre
E beijava-te a face e a miu tambem ;
Mas beijava-te eu mais, pois cada beijo
Que a louquinha roubou paguei com cem.

Vem aomenos de noite, emquanto durmo,
No meu seio esconder tua fronte linda ;
Acordar-me ao luar dos teus surrisos
E dizer-me baixinho :— *Amo-te ainda !*

Inda te-amó do amor que me-ensinaste
E teu nome tão doce inda bemdigo ;
Penso em ti todo o dia ; antes do sonno
Penso em ti, e depois... sonho contigo.

Pouso a fronte febril em teus joelhos ;
Com tua loira madeixa enxugo os olhos
Inundados de amor e de vertigem
—Flor de fogo na neve ou por abrolhos,

Mas acórdo e procuro-te debalde :
Tudo é treva e silêncio e gêlo aqui !
Minha linda visão, desappareces !
E eu soluço e suspiro emvão por ti.

Minha vida é um arido deserto
Em que a fonte do amor não passa mais !
Minha extrema esperança é hoje a morte,
E essa mesma não ouve inda os meus ais.

Inda é cedo, talvez ! Dae-me coragem,
Meu Senhor e meu Deus, para soffrer !
Uma noite de dor não vale um anno ?
Inda é cedo, meu Deus, para morrer ?

Morre aquelle que adora o sol e a vida
Como a hera infesada o seu rochedo,
E eu desejo morrer, e a vida agarra
Meus vestidos de morte e diz-me : *E' cedo !*

Procurei-a nas garras traiçoeiras
Do oceano que geme e ri sem fim ;
Vi a morte rolar em cada vaga,
Mas a vaga fugia até de mim !

Invejei o viver na sombra ingloria
D'essas algas que o mar embala ao seio ;
Invejei da gaivota a vida errante ;
Vi o somno dos mortos e... invejei-o !

E tu dormes, quem sabe! enquanto eu sólto
Aós ouvidos da noite os meus queixumes!
Tu-te exqueces de mim em braços d'outrem,
E eu nem pósso dormir com taes ciumes!

O ciume é a sombra macilenta
Que me-acorda de noite e me acompanha:
Fructo verde de uma árvore maldicta,
Como é que hei de viver em dor tammanh a?

Vem tu pois, como o anjo do exterminio,
Tuas azas roçar por meus cabellos;
Ou então, como o anjo da esperança,
Com um beijo dos teus queimar meus zelos;

Transformar meu exilio em céu aberto,
Alegrar minha triste soidão, solidão
Remoçar minha fronte e em minhas veias
Novo sangue mandar-me ao coração.

Quero além do porvir alçar meus hymnos,
Puro incenso queimado em teu altar,
E deitar-me na cama do sепulchro,
Em que nunca te-irás ajoelhar.

Entretanto, é por ti que me-definho
E acho o mundo um degredo e a vida infinda !
Si eu pudesse encontral-a aos teus joelhos,
Acharia que a morte é vida ainda !

Rio, 1859.

NO ALBUM

DO DR. DUARTE PARANHOS SCHUTEL

E desde então existo, mas não vivo.
LAURINDO REBELLO—TROVAS.

Junco vergado ao vendaval nocturno,
Rôla accurvada ás garras de um condor,
Fronte queimada pelo sol dos tropicos,
Alma queimada pelo sol do amor ;

Não vivo !... Amarro as tiras das sandalias,
Tomo o bordão e o sacco de viagem....
Além... talvez rutive um sol mais puro,
De que este seja apenas fria imagem.

Quero ir lá ter ! Queimou-me a tez e o viço
Voraz scentelha de subtil vulcão ;
O amor matou-me, envenenou-me o sangue,
E eu rio e gemo, mas não vivo, não.

Nem canto mais ! O coração, que outr' hora
Nas chamas viste estortegar do amor,
Cansou na lucta e resvalou exangue
Aos pés de rijo e ingrato contendor.

A morte ahi vem. O cerebro, pequeno
Para conter a história do passado,
Ha de por fôrça arrebentar,—qu'importa !
Pôsso morrer... já fui um dia amado.

Seiva de morte lavra-me nas veias,
E eu durmo á beira de insondado abysmo :
Alguem lá dentro soluçou meu nome,
E em pé na vida só na morte schismo.

Irei sentar-me no festim das sombras
De rosto alegre e coração tambem :
Hei demansiñho resvalar na campa
Sem me-queixar, sem maldizer ninguem.

Do que outr' hora houve em mim so resta o corpo,
Junco vergado ao temporal que passa,
Taça de argilla em que bebeu um anjo
Não mel, o fel da rispida desgraça.

A morte ahi vem risonha como um beijo
De loura amante que palpita e treme.
No mar da vida passo como um naufrago
Em fragil barco, sem pharol nem leme.

Porém não tremo! ao marulhar das ondas
Vago cantando em meu batel sem remo,
Caso um gemido à orchestra da tormenta,
E envio a ti o meu cantar extremo.

A tua terra tem condão de fada,
Mas tua terra não me-mata a sêde...
India indolente, a viração marinha
Lava-lhe ás tranças e lhe-embala a rede.

Lambe-lhe os pés, como um vassalo eterno,
O mar do sul a segredar-lhe amor.
Como ha de a louca mo-escutar, si gemo?
Ella que é môça e desconhece a dor?

Vou já partir, que já soou minh' hora :
D'esta viagem não voltou ninguem !
E o canto extremo que me-agita os labios
E' teu, amigo ! Adeus ! que a morte ahi vem !

Cidade do Desterro, 3 de Fevereiro de 1859.



FASCINAÇÃO

Si a mão te-aperto trémula, gelada,
Minh'alma inteira embebe-se na tua ;
Quando me-sitas teu olhar tranquillo
Todo o meu sangue ao coração recúa.

Quanto te-cravo os olhos meus, pudica
Baixas os teus com um olhar tão triste !...
Não devo amar-te ; no entretanto eu te-amo !
— E quem á tal fascinação resiste ?...

Sinto em minh' alma commoções extranhas
Quando a descuido o teu olhar me-lanças :
Creio-me um outro, mais gentil, mais puro ;
Sonho mil sonhos cheios de esperanças.

Na branca flor que no jardim floresce,
Na rôla que soluça na folhagem,
Do céu no azul, no verde do cypreste :
Por toda a parte vejo a tua imagem.

A's vezes julgo suprehender-te um gesto
Que o ser me-afoga em ondas de alegria ;
Mas logo, pobre sonhador, conheço
Que o sonho mente e mente a phantasia.

Tu és a luz da minha vida, a crença
Que a minha morta mocidade chora ;
Minh' alma adeja na amplidão, suspensa,
Quando não vejo o teu surrir de aurora...

De aurora, sim !—pois a neblina immensa
Em que me-involvo—toda se-adelgaça
Ao teu surriso angelical e as vezes
Que aopé de mim o teu vestido passa.

Sinto que te-amo d'esse amor vertigem
Que num momento a vida nos-consume :
Sinto ao teu nome estremecer-me o seio...
— Tem-me sido fatal teu doce nome !

Nunca disseste uma palavra, nunca
Um gesto so trahiu teu pensamento :
Não sei como este amor me-irrompeu n'alma !
Mas sei bem que elle faz o meu tormento.

Foi como o subtil fluido que evapora
A natureza em plena primavera :
Um nada que resume a vida inteira,
Um riso, um som que passa, uma chimera !

Eu sei que o nosso amor seria um crime
Perante o mundo e a propria consciencia :
Seria aptar o riso á desventura
O perturbar-te a angelica innocencia.

Assim pois, meu amor, guarda os teus sonhos
E as castas illusões da mocidade
Para o mortal que os fados te-destinam :
Que elle te-dê—por mim—a felicidade.

Que elle alcatife o teu passar de flores ;
Que o somno teu... Meu Deus ! oh como o-invejo !
Que entenda, oh anjo, o teu menor surriso
E que addivinhe o teu menor desejo...

Eu fugirei para remotas plagas,
Onde o não veja, *pallido*, a teu lado !...
Mas lá tão longe, em toda a parte e sempre
Hei de arrastar o meu grilhão pesado !

Janeiro 14.

AMBAS

« Dous anjos d'azas candidas, nascidos
Ao sôpro do Senhor em mundo estranho,
Unidos peito a peito aos pés do Eterno. »

— MENDES LEAL JUNIOR.

Pallidas ambas, sóltas as madeixas
Como um salgueiro
Que a sombra extende á barca somnolenta
Do marinheiro ;
Não sei qual d'ellas o roupão da infancia
Despiu primeiro.

Estátuas gemeas, tão irmans no riso,
No olhar, em tudo !
Estréllas vivas, mas de um brilho triste,
Sereno e mudo.

Da mesma argilla as-modelou Canova,
E Prometheu
Do mesmo raio as-animou de novo
Fogo do céu.

Aos mesmos cantos embalou-as juntas
A mesma aragem ;
Num berço so, ao mesmo sol dormiram
Toda a viagem.

O riso d'uma ia nos labios d'outra
Abrir-se em flor;
Ao mesmo Deus a mesma prece erguiam
De igual fervor.

Estátuas gemeas, tão irmans no gesto,
Na voz, em tudo ;
Estréllas d'alva illuminando um tumulo
Deserto e mudo.

Si as longas tranças uma d'ellas rindo
Cahir deixava,
Os olhos d'outra era' o espelho a que ella
Se-penteava.

Tão alvas ambas como a flôr do *cactus*
Que a noite abrirá,
De ambas talvez a mesma dor as faces
Descolorirá.

Um dia a ambas suprehendi dormindo
Na mesma hora :
Eram assim, na mesma cama, a *Noite*
Aopé da *Aurora*.

Vi-as um dia juncto a mim passarem
A' voz do Eterno :
Fugiam ambas, andorinhas gemeas,
Do mesmo hynverno.

Ambas deixavam num montão de cinzas
As mesmas brasas :
Tinham, sentindo o mesmo sol queimal-as,
Battido as azas.

Campos, Abril 6 de 1859.

DESEJOS

Nunca um beijo de fogo, acceso em pejo,
Pedido a medo em paga de mil dores,
Os labios me-queimou orphams de risos.
Um beijo de mulher !...

Deve ser doce
Como o mel das colmeas, ambrosia
Que mais vida e calor ao sangue infunde;
Um beijo ardente, um so, de amor progenie,
Edenico perfume da belleza,
Antegosto do céu...

E em trôco a vida de além-mundo e os dias,
Estames do passado,
Em que a mão do *destino* em letras brancas
Gravou meus brincos todos !

Nunca hei de ouvir-te, musica celeste,
Nuns labios purpurinos, perfumados,
De virgem pura que de sonhos cora,
Que amores schisma e de os-topar tem medo ?
Phrase incompleta que dos céus os anjos
Aos da terra ensinaram
E mil poemas ideiaes resume ! ..

Nunca hei de ouvir-te, musica celeste !

Nunca me-ardeu na fronte descorada
Um beijo de mulher de labios rubros,
Onde os desejos, sofregas abelhas,
Vão, como as do Hybla, o mel de doces beijos
Sugar em cada flor que brota em risos !
Nem de um seio de virgem, que se-abrasa
Na mesma chamma que o meu ser devora,
Um suspiro de amor—chispa escapada
Do vulcão da esperança e da ventura—
Veiu o meu seio incendiar ainda ! ..

Quero-a socia nos dias de infortunio,
Nos dias de fortuna socia a-quero !

Essa incerteza do porvir me-aterra ;
A alma vacilla de um sonhar a outro
E no espaço e no vago se-pendura...

Ha de ser doce e grato
Sentir nos labios e volver na idéia
De um beijo de mulher lembrança e fogo !
E eu nunca me-embalei, meio dormindo,
Meio acordado, indiferente ao mundo,
No suave anxiar d'um collo virgem !
Nenhum beijo de amor me-abriu ainda
Na fronte enfebrecida as flores rubras
Dos lubricos desejos !..

Campos—1856.

O GOLPHO DE BÁIAS (*)

(LAMARTINE)

Não vês como lenta a vaga
Vem na praia arrebentar?
Não vês como o vento affaga
Com seu bafo que embriaga
A lisa face do mar?
Saltemos no leve esquife,
Venha o remo á minha mão,
E no golpho sem recife
Voguemos á discripção.

(*) Versão feita com a collaboração do meu particular amigo Francisco Ferreira Soares.

Ja longe nos-foge a plaga :
Em quanto com mão medrosa
Seguras o docil leme,
Curvado ao remo que treme
Eu deixo na vaga anxiosa
Um rastro que o vento apaga.

Que frescor ! — que refrigerio
Se-sente na undosa veiga !
O sol vai cedendo o imperio
A' lua pallida e meiga :
Os seios abrem as flores,
Embalsamados vapores
Se-derramam pelo ar ;
Da tarde a briza fagueira
Leva da terra, ligeira,
Novos perfumes ao mar.

Que vozes e que harmonia
Das ondas á praia vão !
Os echos do sim do dia
De mais longe ouvidos são.
Mas, consultando as estréllas,
O pescador colhe as velas
E alegre ao tugurio vai,
Em quanto em grita os filhinhos
Festejam com mil carinhos
A volta feliz do pae.

Mas a sombra mais espessa
Ja negreja os vastos mares ;
Foge a costa, o ruido cessa,
O silêncio invade os ares.
E' a hora em que sombria
Se-assenta a melancolia
Aopé dos mares incertos,
E, vagando entre ruinas
Vê sobre eternas collinas
Paços e templos desertos.

Da liberdade augusta e sancta patria !
Oh terra noutras eras tão fecunda
Em sublimes virtudes,
Subjeita aghora (*) a Cesares indignos !
Com teu imperio os teus heroes cahiram !
Mas a alma no teu seio engrandecida
Inda hoje cuida respirar o genio
Dos filhos teus nos monumentos d'elles,
Como se-aspira em solitario templo
Do Deus que outr' hora o-enchia a majestade.
Mas não interroguemos vossas cinzas,
Velhos Romanos e Catões suberbos,
Nem os manes dos Brutos.
Vamos antes aos muros derrocados
Sombras pedir, memórias mais felizes.

(*) Escripta em 1815 (NOTA DO AUCTOR.)

Horacio, neste retiro
Que o seu genio amenisava,
Não tinha nem um suspiro
Para a Côrte que deixava ;
Propercio aqui Cynthia via ;
E aqui, aos brandos olhares
De Délia, Tibullo os ares
De queixas de amor amor enchia.

Mais longe, o asylo em que cantava Tasso,
Quando do genio e do destino adverso
Víctima errava, a vacillar-lhe o passo,
Sem amparo e sem lar pelo universo.
Perto d'aqui vem succumbir mais tarde :
Chama-o a glória ; o vate chega e morre
A sua palma deante d'elle foge,
E tarde o louro lhe-sobreia a campa.

Gentil collina de Báias,
Estancia da poesia,
Por tuas quietas praias
E em teu valle voluptuoso
Veio tudo quanto havia
No mundo de grandioso
Por momentos repousar.
Não repetes mais os cantos
Nem de glória nem de amores ;
Só das vagas ouço os prantos,

E o echo dos arredores
Nas ruinas a retumbar.

Assim tudo muda e passa !
Assim nós tambem passamos :
Nem mais vestigios deixamos
Do que esse que o barco traça
Nas ondas em que vogamos.

1864.

FRAGMENTOS

NO ALBUM DE JOÃO RICARDO STELLING

Ella era assim, a fada melindrosa
Dos sonhos d'elle.

Ella fallava e ria
Como si um'alma de ignorado archanjo
Numa harpa eólica os dedos seus roçando,
Enchesse a noite de harmonia estranha,
De saudades de amor por bens deixados
Em outra vida.

Esse indomado orgulho
Com que *ella* olhava para tudo, amava-o
O pobre louco ! Era um gemer sem treguas,

Um longo suspirar a vida sua...
E nunca aos pés lhe-transbordou dos labios
Do fundo amor que o-assassinava um echo !
Olhava-a apenas de relance, tanto
Temia o louco de encontrar seus olhos
E nelles soletrar desdens e a morte !

• • • • •
Era uma gota de orvalho
Sonhando talvez... dormindo
No regaço de uma flor...
Aquelle olhar vago, infindo
Era um romance bem lindo,
Era uma *história* de amor.

Aquella fronte serena,
Sem a sombra de uma ruga
D'algum intimo martyrio,
D'algum profundo tormento,
Era uma folha de lyrio
Ou de alvissima assucena
Desprendida pelo vento
E tombada ao sol e á chuva.

Aquelle labio rosado,
Contraste vivo dos seus,

Era o botão de uma flor
Onde inquieta abelha suga
Um mel formado nos céus.
Era o ninho avelludado
De muita lenda de amor.
Na aurora d'aquelleas seios
Havia, meu Deus ! que enleios !
Que madresilvas em flor !

O seu olhar sem destino
Era uma tenua scentelha
Da mais fulgurante estrélla,
Mas de uma luz que simelha
O vago dos pyrilampos
Que á noite voam nos campos.

Amou-a no desatino
D'esse amar immenso e cego
Que devora a mocidade,
E até perturba o socégo
Da menos fogosa edade.

Mas não gozou dos enleios
Que referviam nos seios
D'aquella flor de belleza ;

E por toda a natureza
Procura-a debalde aghora...

E' hoje o anjo da aurora.

1865—Rio.

AO DR. FRANCISCO PORTELLA

Mens agitat molem.

De bom grado as *perpétuas*
Que espalhei pelo mundo—trocaria
Pela dupla corôa
Que te-orla a fronte illuminada e livre !

Para mim és o emblema da victória
Do intellecto a domar as vagas torvas
Do interêsse e cubiça e paixões baixas
Que degradam a fragil creatura ;
Da victória incruenta mas brilhante
Da razão sobre o velho preconceito,
Dominando o universo e domna d'elle.

Os teus olhos de lynce se-mergulham
Do corpo humano no intrincado dedalo,
E devassam-lhe os intimos segredos ;
Que ao vulgo ignaro caprichoso esconde ;
E tu nelle decifras os mysterios
Da natureza organica, das causas
Do mal secreto que o-levára ao tumulo,
Si a tua perspicacia e arguto ingenho
Ao vérme que o-corroe não fôsse embargo.
Da philosophia ao luminoso archote
Do pensamento as trevas tu dissipas
E lei segura ao pensamento dictas.

Nos mares tormentosos da existencia
Ha de o teu nome, illuminando os evos,
Ser-lhes bussola certa aos navegantes
Do pensamento—submettido ás regras
Da *sciencia da vida*, de que és mestre.
Oh guia do porvir, vejo o teu busto
— Coroado de louros sempre verdes —
Erguido em pedestal de eterna base,
Que o tempo em seus vaivens e a humanidade
Em seus dias de cholera não podem
Nem siquer aballar ; melhor que os thronos
D'esses reis suberbões que em seus palacios
Do poviléo desdenham, mas que ás vezes
Rolañ no po á cholera do povo...
Tua dupla corôa — de philosopho
E de médico — vale mais que um solio.
O tutão das revôltas populares,

Que o throno mais vetusto arranca e abate,
Ha de o teu busto respeitar decerto,
Sobranceiro legando-o ás raças novas.
O dever é o movele dos teus actos,
Teu guia a consciencia, e as mais severas,
Séries virtudes tuas companheiras
Na jornada da vida.

Perlustrando

As invias cercanias e as montanhas
De esmeralda do *patrio Rheno*, ouviste
A voz de mel do sabiá e os threnos
Ferrenhos, rudes da araponga esquiva ;
Varando as virgens mattas seculares
Do *Carangola* a solidão tocou-te
Co'a muda voz das cousas grandiosas ;
E a tua lyra, até então calada,
Agitou-se, tremeu. . e pensamentos
De liberdade, amor, glória, poesia,
Pelo cerebro teu, lavas ferventes,
Como em vulcão acceso se-escoaram :
E tu foste poeta . . .

Um facto grandioso, que as entranhas
A' nossa patria agitará um dia (*),

(*) Advogando a causa da emancipação do elemento servil
na Camara municipal de Campos.

Achou em ti estrenuo paladino :
E proferiste magicas palavras
De egualdade e justiça e immenso alcance
Que hão de tocar o coração do Imperio.
Não ha idéia grande, generosa,
Que em teus sonhos mais íntimos, profundos
De poeta e philosopho — não tenhas
Muita vez ruminado. A charidade
Tem em ti o cultor mais fervoroso :
Tens por familia a humanidade inteira ;
Teu irmão mais querido é o desgraçado
Que tem sède de luz e de justiça,
Que precisa de amparo e de confôrto.
A verdade é teu gladio, e a liberdade
E' o amplo extandarte á cuja sombra
Na cruzada do seculo combates :
Gladio de luz que não assola imperios,
Nem incendios ateia, antes aquece,
Vivifica, illumina — quando o-empunha
Um braço, como o teu, potente e livre,
Vibrado pela voz da intelligênciâ.

Intelligênciâ, oh mascula rainha
Do universo, ao teu poder divino,
Unico tal, de coração me-curvo !
Tu, sim, és majestosa ! A um teu aceno
Mil maravilhas encantadas surdem :
Tu povâas os paramos desertos,
Atravessas os mares burrascosos
Sem errar o caminho, e no futuro
Os teus prophetas venerados vivem

Sem temerem os vermes do sepulchro,
Que nem ousam roçar-te.

Intelligencia,
Sublime dom, emanação celeste,
Tu zombas das cadeias dos tyrannos !
E's a alavanca que suspende os mundos.
O gyro silencioso das espheras
Que gravitam no ar — tem leis seguras
Assignadas por ti ; os mil segredos
Que a natureza no seu seio esconde
Tu conheces tambem ; nada se-esquiva
Ao teu dominio, ao teu poder eterno.
A realeza unica do mundo
E's tu somente, pois não morres nunca.

Campos, Maio de 1869.

A ANDORINHA

(LAMARTINE)

No album do Sr. Joaquim Marques Guimarães.

Fugitiva andorinha, a patria deixas ?
Vem pousar juncto a mim por um instante.
Mas debalde me-canso, emvão te-chamo !
Não sou como tu és, tambem viajante ?

Vem fazer juncto a mim teu casto ninho,
Ja que temos na vida igual destino :
Quando gemeres gemerei contigo ;
Não sou, como tu és, um peregrino ?

Das azas maternaes qae te-aqueciam
O hynverno, como a mim, te-ha desterrado ;
Teu irmão no destino, hei de asylar-te :
Não sou, como tu és, um exilado ?

Tremem de frio teus implumes filhos ?
Não achas lan para forrar teu ninho ?
Pôsso aquecel-os ao meu bafo ardente . . .
Não deixei minha Mãe e vou sosinho ?

Não ouves lá na extrema do horizonte
Uma voz me-chamar como eu te-chamo ?
Vae, amiga do pobre peregrino,
Na aza buscar-me da esperança o ramo.

Não me-lastimes, não ! Si a tyrannia
Nos-nega a ambos lá na patria abrigo,
O céu nos-resta e a liberdade e o exilio,
Onde pôsso gemer e errar comtigo.

1854—Sancta R.

A' PREMATURA MORTE DE RAMIRO BASTOS

Morto ! coitado ! quando as esperanças
Iam trocar-se em hymnos triumphaes !
Roubado ás laureas que seu pae sonhára,
Roubado aos doces sonhos maternaes!

Ia ser-te fatal, quem sabe ? o mundo...
Tiveste mēdo ao lobrego paul...
Fizeste bem, talvez, batendo as azas
E alçando o vôo ás regiões do azul !

Mas teu pae exqueceste e mãe e amigos
E as palmias do porvir e a mocidade !
Mas este vacuo immenso que deixaste
Ninguem o-pôde encher : só a saudade.

E esta é grande e funda e insaciavel !
E' como o enorme abysmo em que cahiste..
Que louca embriaguez do céu foi essa ?
Morrer na flor da edade é muito triste !

A morte desmanchou tanta promessa,
Desmentiu tanto sonho de ventura :
A flor tombou do hastil antes de abrir-se !
Era um dia de junho... E' noite escura !

Ei-lo deitado á entrada da floresta
Que o Dante canta em versos immortaes !
Roubado ao mundo quando as esperanças
Iam trocar-se em hymnos triumphaes !

Março de 1874.

A' POETISA DAS NEBULOSAS

(D. NARCIZA AMALIA)

Sursum !

Alma inspirada aos canticos celestes,
A' siderea harinonia das espheras,
Vindes romper o lobrego silêncio
Em que jaz minha musa c'os perfumes
Das vossas primaveras !

Deus vos-pague em ventura o immenso jubilo
Que me-deu vosso livro abençoadoo.
Minh'alma, surda ás emoções da glória,
Gasta ao attrito estólico do mundo,
Pôde ainda entender-vos... Obrigado !

A Patria agradecida vos-extende
Ambas as mãos pejadas de cordas,
Para ornar-vos a fronte illuminada
Aos arreboes da glória. Oh patria amada,
Eu ouço os hymnos festivaes que entôas.

*Ella os-merece. As vozes maviosas
Da sua lyra—rescendem os encantos
Das flores tropicaes das mattas virgens,
E dilatam o peito e n'alma accendem
Os desejos mais sanctos.*

De segui-l-a nos férvidos arroubos,
Nos threnos immortaes que o amor lhe-inspira,
E nos gritos de cholera sublime
Que os destinos da Patria lhe-despertam
Na sonerosa lyra.

Deus vos-guie, cantora ! Eu, da penumbra
Em que vegeto á sombra do passado
A' espera de um porvir mais glorioso,
Seguirei vossos vôos altaneiros
No paramo azulado.

Janeiro de 1873—Muriahé.

AMA-SE A VIDA

Ama-se a vida—quando a vida é noite
Toda estrellada de gentis visões,
E não deserto que se-medea ás cegas
Por cerrações.

Ama-se a vida—quando a vida é um ermo
Cheio da imagem do primeiro amor,
E não charneca em que nem mesmo vinga
Do cardo a flor.

Ama-se a vida—quando a vida é um lago
Liso na face e transparente e azul,
Não mar em rôlo a referver aos silvos
Do vento sul.

Ama-se a vida—quando a vida é berço
Que amor embala da esperança á voz,
Não leito inglorio, ao declinar dos annos,
Na angústia a sós.

Ama-se a vida—quando a vida é um sonho
Longe do mundo, em virgem solidão,
Aos pés de um anjo que nos encha o vacuo
Do coração.

Eis como eu quero que me-corra a vida:
Ninho escondido do queimor do sol,
Ilha de amor na vastidão boiando...
Tu—por pharol!

Rio, 1859.

PENSO EM TI

I

Penso em ti ; a lembrança de teus risos
Raia-me n'alma como um sol de vida.
Penso em ti ; tua sombra vaporosa
Vem sentar-se em meu leito entrustecida.

O que tens, anjo meu ? que gêlo é esse
Que te pende dos labios contrahidos ?
Não crimes assim meu triste amante ;
Vem denovo acordar os meus sentidos.

Tudo em mim desabou : meu corpo é folha
Que o tufão arrancou e em po fluctua ;
So minh'alma é que vive, porque n'ella
Para sempre gravaste a imagem tua.

Não me-deixes morrer sem vêr-te ainda,
Sem ainda apertar tuas mãos nas minhas.
Porque foges de mim, qual é meu crime ?
Sem pezar para a morte me-encaminhas ? !

Dá-me a mão, pois em meio da vereda
Que conduz do sepulchro ao frio leito,
Ja me-falta o valor ; vem novo alento
Derramar ás mãos cheias em meu peito.

II

Não te-chamei emvão ! Mudaste em jubilo
Minha sêde maldicta do deserto !
Quero aghora viver aos teus joelhos :
De teus pés de alabastro aos céus é perto.

Quando o phantasma lôbrego da dúvida
Veio encostar-se á minha cabeceira,
Não te-maldisse , apenas entre lagrymas
Pedi a Deus minha hora derradeira.

Não te-maldisse : não maldiz a limpida
Trépida fonte que o areal consome
O sol que a-mata, a areia que é seu tumulo :
Não te-maldisse ; abençoei teu nome.

Hoje em ti creio ; nessas tranças humidas
Que tu me-extends agarrei-me á vida ;
Um beijo teu solevantou-me ao tumulo :
De nova roupa est'alma está vestida.

Um novo sangue ás veias transfundiste-me ;
Lazaro novo banha-me o suor
De nova vida a fronte ainda lívida,
E meu amor é cada vez maior !

Hei de aghora esperar-te, embhora um seculo !
Ia rolar em fundo torvelinho,
Tu me-salvaste... Hei de parar, aghora
Que vejo o céu na extrema do caminho ? !

Rio—1858.

AOS VENCEDORES DE PAYSANDU'

Um hymno á glória !
Eu canto o feito heroico
D'esse punhado indomito de bravos,
Que foi além, á custa do seu sangue,
Grilhões quebrar dos pulsos dos escravos.

Tincto vem elle ao sangue das batalhas,
Mas sangue de inimigo e não de irmão ;
Todos á morte caminharam rindo,
E todos elles voluntarios são.

11

Bem puderam vingar-se, mas valentes,
Heroicos campeões da liberdade,
Venceram nobremente, ao mundo dando
Um bello exemplo d'alta heroicidade.

Leões na pugna e no vencer magnanimos,
Respeitaram o fraco e o prisioneiro,
E aquele que perdão pedir-lhes veio
Achou-o logo... E' bello ! é brazileiro !

Sabem morrer, sabem vencer os filhos
Da generosa plaga americana !
São dignas da victória... almas fundidas
No molde antigo e témpera Spartana.

Foram mostrar áquelles assassinos
Que o brazileiro é generoso e áltivo :
Sabe vencer a peito descoberto
E deixa livre o que encontrou captivo.

Um passo mais ! e as almas dos valentes,
Que Paysandú regaram do seu sangue,
Hão de invejar-vos, quando aos vossos golpes
A tyrannia estrebuchar exangue ;

Quando de Aguirre o livido cadaver
For pasto a corvos—no revôlto solo,
E a loura liberdade foragida
Reinar onde a traição erguia o collo.

Um passo mais ! e, denodados filhos
Do valoroso Imperio do Cruzeiro,
Mais valioso triumpho vos-espera...
Sereis dignos do nome brazileiro.

Vamos mostrar áquelles assassinos
Que não nos-move a sêde de conquista;
Vamos levar a paz e a liberdade
A um povo cuja sorte nos-contrista.

Eu canto pois á glória que vos-cérra
E á glória que mais longe vos-espera.
Um passo mais, valentes lidadores !
A glória aos filhos seus não dilacera.

Eu sagro á glória !
Canto o heroico feito
D'essa phalange indomita de bravos,
Que foi além, á custa do seu sangue,
Grilhões fundir dos pulsos dos escravos.

Campos, Fevereiro de 1865.

AO PARAGUAY !

(AOS VOLUNTARIOS DA PÁTRIA)

O Brazil vai fazer de um povo escravo
Um povo livre.—A algema brutalisa !
Horda de vis sicarios, queinda beijam
A propria mão que ferrea os-tyrannisa !

Vai dar uma lição tremenda ao despota
Que o povo á escuridão surrindo guia ;
E ao gremio das nações chamar o escravo
Que adora a escravidão e a tyrannia.

Villão e sanguinario, os seus escravos
Lopes verá passar livres do jugo,
Livres a seu pezar, que importa aos bravos
Que vão das mãos tiral-os do verdugo ?

Tyranno em miniatura, ha de a arrogancia
Ante os nossos canhões depor em terra !
Sus ! á guerra, valentes paladinos
Da luz, da liberdade, á guerra ! á guerra !

Ides regar de sangue aquelles campos
Onde imperra o terror da tyrannia ;
Porém do vosso sangue generoso
A liberdade ha de nascer um dia !

Filho da glória, o sancto entusiasmo
Que da patria o amor, te-guia e inflamma :
Arde-te a face á injuria feita á patria,
Que nunca embalde o sangue teu reclama.

E o paraguayo, embrutecido aos ferros
De antiga escravidão e ao servilismo,
Vacilla e treme ! e só o-instiga o látego
Que Lopes deu por sceptro ao despotismo.

Que importa ao servo a glória da conquista,
O louro das victórias dos tyrannos ?
Elles não têm amor á liberdade...
São paraguayos, não americanos !

Obedecem á voz da tyrannia,
Ao aceno da fera que os-dominia...
Ide, valente troço de guerreiros,
Mudar d'aquelles barbaros a sina.

Idê ensinar áquelles salteadores,
Que a Matto-Grosso as garras extenderam,
Dos seus covis a estrada ensanguentada,
E a apprenderem dehovo o que exqueceram :

A apprenderem que ás nossas bayonetas
Já deveram a patria e a liberdade,
E que um povo de ingratos que isto exquece
E' indigno de viver na nossa edade.

Heroes, vingae o ultrage feito à patria,
E a luz levae áquella escuridão !
Mostrae áquelles vis que um brazileiro
Vale cem dos escravos d'Assumpção.

Ao Paraguay, valentes campeadores,
A luz, a liberdade e a paz levae!
A glória vos-surri, vos-abre os braços :
Ao Paraguay, irmãos, ao Paraguay!

Campos, Fevereiro de 1865.

A'S ARMAS DO BRAZIL

AO DR. ANTONIO GONÇALVES DE CARVALHO

Mais uma vez engrinaldou a glória
As frontes marciaes aos nossos bravos,
E o brazileio pendão
Desfraldado aos canhões tremula ovante
Nos muros derrocados, symbolo augusto
De uma augusta missão.

A semente levámos-lhes secunda
Da liberdade; embreve hão de das trevas
Em que andavam—surdir;

Ha de a semente germinar embreve
D'árvores sanctas, a cuja sombra os povos
Dormirão no porvir...

Brado ingente e frenetico de aplauso
Nos livres horizontes repercute
D'America gentil.
O mundo inteiro ha de invejar teus feitos,
Oh minha patria ! e respeitar-te aghora,
Meu formoso Brazil !

Insultaram-te escravos, e tu, grande,
Generoso—por paga das offensas,
Da funda ingratidão,
Os ferros vás quebrar-lhes que os-subjeitam
Ao carro triumphal do despotismo,
Da bruta escravidão.

Pois havia na America, — tão livre !—
Um poncto onde rugia á redea sólta
A escravidão feroz ? !
Onde o sol reflectia sôbre algemas ?
Onde o vento, tão livre nas florestas,
Era um insulto atroz ? !

E sofreria-te o ânimo valente
Este escarneo pungente à liberdade
Que o teu berço embalou ? !

E os ossos dos Andradas nos sepulchros
Não tremeram de pejo á amarga affronta
Que as faces te-corou ? !

Caro custa a victória ! Nunca aos nossos
A vertigem da morte apaga a sede
Gloriosa de vencer :
Pelejam como heroes, e quando morrem
Na lucta ou das feridas, são ainda
Sublimes no morrer !

E quando um dia a *vox ferrea* eterna
— A HISTORIA — memorar os altos feitos
Dos sul-americanos,
Não saberão os posteros, relendo-os,
Quaes foram mais valentes nos combates
Si nós ou si os Romanos.

Esplende o sol ! Triumpha a liberdade !
As auras tropicaes aos astros levam
O nome do Brazil...
Ei-lo ja perto o último reducto
Da tyrannia ! ... Iremos derrotal-os
No seu proprio covil !

Podes aghora erguer a fronte altiva,
Cercada do esplendor da majestade
Que a victória te-deu !

O mundo inteiro te-admira as glórias,
Oh minha patria! Ergue teu vôo, oh Agua.
A's amplidões do céu!

Campos, 5 de Maio de 1866.

A' notícia da passagem do *Passo da Patria*.

A' TOMADA DE HUMAYTA'

(AO CAPITÃO JOAQUIM RIBEIRO DA SILVA PEIXOTO)

Ei!-o vencido, o torvo baluarte
Da tyrannia ! Aos nossos marinheiros
A fronte curvou ja,
E, escarneo audaz ao seculo em que vivemos,
Ja não campéa altiva, ameaçadora,
A famosa Humayta !

Era digna talvez de melhor sorte:
Pudera ser Thebaida á Liberdade
N'America do Sul...
A Liberdade levantou-lhe os muros ;
Mas veiu a tyrannia e enegreceu-lhe
O céu sereno e azul.

Converten-a num antro de serpentes,
Em charco impuro, silencioso, infecto,
Fechado á luz do sol :
E' pleno meio dia em toda a America,
E alli é noite escura, onde não entra
Nem o fusco arrebol.

Fomos levar-lh'o nós, o sol esplendido,
Que a luz derrama em cheio em todo o mundo,
Do progresso feliz :
So um despota ignobil não amára
Tão fecundante sol, elle que a um povo
Traz curvada a cerviz.

Custou-nos muito sangue generoso,
Muito valor heroico, sobrehumano,
Muita dor varonil !

Fallou a voz suprema das bombardas,
E as hostes sanguinarias do tyranno
Cahiram mil a mil.

Basta ceifa de louros, basta ceifa
De lagrymas tambem ; porém qu'importa,
Pois que a idéia vingou ?
Vingou a idéia nobre, generosa,
Que ao coração do Imperio a amarga injuria
Do despota levou :

— De redimir um povo escravizado,
Que, amando a servidão, se-afiez ás trevas
E ao latego se-afiez ;
De libertar a *China americana*
E a muralha de bronze que a-circunda
Derrocar de uma vez.—

Terríveis provações a Providencia
Inflinge sempre aos povos que se-exquecem
Dos seus foros vitaes :
De guardarem intacta a liberdade
Como o fogo sagrado da legenda
Guardavam as Vestaes ;

Que se-exquecem que Deus os-fez tão livres
Como o ar que respiram, como o vôo
Ousado do condor !
Que só vivem—abutres !—de rapinas
E dão os pulsos livres ás cadeias
De sombrio senhor !

Escravidão política, mais triste,
Mais funda que a gangrena que nos-roe
O corpo social!...
Mas, não!... não desço os olhos dulçorosos
Da meiga Poesia ao charco impuro
Da podridão moral.

Levo os olhos além e vejo a Patria,
A abassanada neta de Colombo,
A filha de Cabral,
Erguer-se como a vaga á tempestade
E, entre nuvens de fumo e de metralha,
Ao hymno nacional,

Plantar sôbre as muralhas abatidas
Do tyranno—a bandeira gloriosa
Que a milhares dos seus
Foi mortalha no campo da peleja,
Foi a todos pharol por entre o fumo,
A enviada de Deus.

Toma-me a vista a nevua das batalhas,
A embriaguez sublime da victória
Me-toma o coração :
Subo ao cimo dos Andes, e das nuvens
Vejo o mundo a meus pés e a Deus soergo
Um voto de christão :

— Dae, Senhor, mais amor á humanidade ;
Uni-a num amplexo estreito, eterno,
Amplexo fraternal !
Porém á minha patria generosa
Fazei-a sempre forte e vencedora,
Feliz e sem rival !

Campos, Março de 1868.

A PAZ

AO SR. GENERAL CAMARA

(Visconde de Pelotas)

Novus nascitur ordo.

Bem como o FABIO da romana história,
Um rio-grandense destemido, ousado,
Leva ao regaço a liberdade a um lado
E d'outro a guerra sem descanso, audaz...
Exulta, oh Patria ! no horizonte amplissimo
Brilham os raios d'uina luz mais pura :
Cessa o ribombo do canhão ; fulgura
Como uma aurora boreal—a paz !

A paz honrosa, laureada, esplendida,
Em cem combates de titães comprada,
Que o sangue ardente e generoso e a espada
Dos nossos bravos batalhões ganhou.
Renasce a aurora de mais bellos dias
Para esse impervio, escravizado povo
Que vai á sombra florescer denovo
Da Liberdade, que a teus pés brotou

Será teu nome d'oravante um symbolo,
Um exemplo de glória e de heroismo
Que os nossos filhos nos serões tardios
Transmittirão á geração porvir —
Como o do ousado, pertinaz, intrepido
Cabo de guerra que á moderna hydra
Da tyrannia fez morder vencida
O proprio solo que manchou a rir.

Por entre os gritos da peleja, impavido,
Teu braço herculeo que o terror espalha
Deitou por terra na final batalha
A rocha viva que esmagava os seus ;
Fôra preciso aghora que dos seculos
Camões ou Tasso saccudisse a poeira
Para cantar numa epopéa homérica
Teu feito e nome, hodierno semi-deus !

Brazil, exulta ! no horizonte amplissimo
Brilham os fachos d'uma luz mais viva ;
Callam-se os echos dos canhões ; captiva
A Liberdade a fronte já não traz !
Como o pampeiro que alimenta o incendio,
CAMARA heroico, impetuoso, ousado
A um povo inteiro á escravidão votado
A' força leva a liberdade e a paz.

Campos, 20 de Março de 1870.

POBRESINHOS!

(VICTOR-HUGO)

*Ensaio de traducçao dedicado a D. Izabel S. M. do A. e
D. Clara da C. M. Torres*

I

E' noite. Está fechada a pobre choça;
E' todo sombra o lar; sente-se apenas
O quer que seja que illumina as trevas.
Redes de pescador do muro pendem.
No fundo, a um canto, onde baixella humilde
Sobre um velho bahú brilha indecisa,
Vê-se uma cama d'amplos cortinados.
Perto, sobre um colxão, em velhas tábuas,
Cinco crianças— ninho d'almas—dormem.

Raro clarão, que a chaminé domina,
Tinge o tecto sombrio, e, sobre o leito
Pousada a fronte, uma mulher que reza
De joelhos e schisma e impallidece.
E' a mãe. Está só.

Lá fóra ás rochas,
Aos céus, ao vento, ao neveiro, á noite
Branco de espuma o mar sinistro ronca,

II

O homem foi ao mar. Desde menino
Dá-lhe rude batalha o torvo acaso.
Ao vento, á chuva é-lhe forçoso expor-se,
Porque os filhos têm fome.

Parte á tarde,
Quando a maré á escadaria sobe ;
Toma elle so á fragil barca o leme
E lá vai. A mulher, cozendo as velas,
As redes concertando, o anzol dispondo,
Atiça o fogo em que a panella serve
E reza a Deus assim que os filhos dormem.
Elle sosinho, ao recrescer das ondas,
Sahe para o abysmo e a escuridão da noite.
Duro fadacio ! tudo é negro e frio !
Sobre o cachopo e os vagalhões em furia
No immenso oceano, como dar co'o poncto
Movel, perdido e caprichoso e vário,
Onde mais certo o lanço ao peixe deite :
Por entre a cerração e os aguaceiros,

Para encontrar aquele poncto incerto
No vasto mar, que a cada passo muda,
Como é preciso calcular o vento,
E a maré e as manobras ! A barquinha
Range ao abraço lugubre das ondas ;
Torce-se o pego em curvas desmedidas,
E faz gemer de horror a barca e as chordas.
Pensa em Joannita e ella, em susto e pranto,
Chama por elle, e os pensamentos de ambos
— Do coração encantadoras aves—
Voam e cruzam-se atravez da noite.

III

Ella reza. Importuna-a o rouco pio
Da gaivota : co'os perfidos escolhos
O oceano intimida-a, e mil phantasmas
Surgem-lhe n'alma : o mar, os marinheiros,
Levados pela cholera dos ventos...
E em seu estojo, qual n'arteria o sangue,
Bate o relogio indiferente e lança
Gotta por gotta, no mysterio, tudo,
Tempo, estações e primavera e hynverno,
E a cada arfar—pelo universo ás almas
— Bandos de açores e de pombas—abre
D'um lado os berços, d'outro lado as campas.

Ella schisma e descora ;—seus filhinhos
Pelo hynverno e verão descalços andam.

Que penuria, meu Deus ! Nem pão ja tinham !
— Como um folle de forja o vento zune,
Como bigorna gema a praia : crê-se
Que em desatino ao furacão raiioso
Fogem os astros, como ao lar scentelhas.
E' a hora em que, alegre dançarinha,
Meia noite doudaja ante seus olhos,
E *meia-noite*, salteador ousado,
Ao vento, á chuva a nua fronte expondo,
Ao tremulo marujo em peso toma
E despedaça-o arrojando-o ás rochas.
Horror ! O homem, cujo grito extremo
A vaga abafa, sente a fragil barca
Ranger, faltar-lhe e mergulhar com elle :
Sente a seus pés a sombra, o abysmo, e pensa
No sol, que o caes e o ferreo annel innunda !

Turvam-lhe a alma estas visões sombrias,
E ella estremece e chora.

IV

Ai pobres d'ellas,
Mulheres de pescador ! Faz pena ouvil-as
Murmurando entre si : « O que mais amo,
Pae, irmão, estão lá, e amante e filhos,
Naquelle chão ! — São meu sangue e carne ! »
Lidar co'as ondas é viver com feras.

Pensar-se que o mar zomba d'essas frontes
Do pae arraes, do filho inda grumete ;
Que o louco vento, em seu clarim soprando,
Co'a longa trança as faces lhes-açoita ;
Que elles talvez por estas horas tremam ;
Que o que la fazem não se-sabe ao certo ;
Que, para resistir ao mar sem fundo
E a tanta sombra em que não luz um astro,
Apenas têm uma tabuinha e um trappo !
Que lugubre cuidado ! A' praia corre-se,
E ao mar, que sobe, implora-se que os-traga.
Mas ai ! o que ha de ao pensamento inquieto
Dizer o mar, mais inquieto ainda ? !

Quão triste está Joannita ! O homem sosinho
Lá foi por noite assim, sem quein o-ajude :
Seus filhos são pequenos ! — Tu muñmuras,
Oh mae ! « Si fôssem grandes ! » — Que mentira !
Si elles o pae acompanhado houvessem,
Tu dirias então entre soluços :
« Oh ! si elles fôssem inda pequeninos ! »

V

Toma a lanterna e a mantilla. — E' hora
De ir ver si vem, si o mar está mais calmo,
Si é dia ja, si a luz no mastro brilha.
Vamos ! — Eil-a a caminho. A natureza

Dorme. Inda é cedo. O alvorecer da aurora
Não ergue ainda o denso véu das trevas.
Chove. E' tão triste amanhecer chuvendo !
Dir-se-á que o dia tremulo duvida
E que chora ao nascer como a criança.
Ella sahe. Tudo dorme emtôrno ainda.

Eis que a seus olhos, que o caminho apalpam,
Co'um não sei què de lugubre e de humano
Um pardieiro em ruinas se-levanta,
Sem luz nem fogo : a porta ao vento range,
Sobre as paredes carunchosas tremem
Do immundo tecto ao som do vento as palhas
Como os marulhos de turbado rio.

« Vés ! d'esta pobre e misera viuva,
Que meu marido inda o outro dia inferma
Achou e só, nem me-lembrava aghora ! »

E para vél-a bate á porta e escuta.
Ninguem responde, e ella estremece ao vento.
« Doente ! e os filhos ! que miseria passam !
Tem dous somente, mas não tem marido ! »
Bate mais uma vez. « Olá visinha ! »
Ninguem responde ainda. « Ai Deus ! » murmúra,
« Como ella dorme ! Ha quanto tempo a-chamo ! »
Mas nisto a porta, como um ser tomado
De dô supremo, com ranger sinistro
Roda no escuro e por si mesma se-abre.

VI

Ella entrou, alumando a negra choça,
Tão muda aopé das ondas que bramiam.
Do ropto tecto a chuva transudava.

No fundo estava uma mulher deitada,
Imovel, em desordem, hirta, horrivel,
Fixo o olhar, os pés nus ; frio cadaver,
Outr' hora mãe ditosa ; emsím, o spectro
Descabellado da miseria morta :
O que do pobre resta apôs a lucta.
Ella, por entre as palhas do grabato,
Deixava um braço esverdinhado e frio
Pender ; o horror sahia-lhe dos labios,
D'onde a alma no fugir lançára o triste
Grito da morte, que so Deus escuta.

Perto da cama em que jazia a misera
Duas crianças conchegadas, juntas
No mesmo berço a resonar surriam.

A mãe, sentindo a morte, tinha posto
Manta e vestido sôbre o corpo d'ambas,
Asim de que, na treva em as-deixava,
De frio não soffresserem e aquecidas,
Emquanto ella esfriava, alli ficassem.

VII

Como dormem no berço que inda oscilla !
Que manso respirar ! que frontes calmas !
Dir-se-ia então que não as-acordára
Nem o clarim do último juizo,
Porque, innocentes, o juiz não temem.

Lá fóra a chuva em borbotões golpheja :
Do ropto tecto, que a rajada aballa,
Gotta apôs gotta sôbre a morta cahem,
Lavam-lhe a face e em lagrymas se-tornam.
E gême o mar como o dobrar d'um sino !
Em pasmo escuta a voz da sombra a morta,
Como si o corpo, quando a vida o-deixa,
A alma buscassem e o anjo que a-arrebata.
Parece ouvir-se o singular dialogo
Entre o pallido labio e os olhos turvos :
« Que fizeste do olhar ? — Do rir que has feito ? »

Amae, vivei, colhei as primaveras,
As taças exgottas em riso e festas !
Como á boca do mar os rios correm,
O destino assim dá por termo a tudo,
Aos berços, aos festins, ao riso, aos cantos,
A' mãe que adora o filho que amamenta,
Da carne aos beijos d'alma enamorada,
E ao mesmo amor, o necessario e triste
Resfriamento lugubre do tumulo !

VIII

Que fez alli a inquieta Joannita ?
O que é que embrulha e esconde no seu manto ?
O que é que assim, com tal cuidado, leva ?
Porque lhe-bate o coração e os passos
Assim vacillam ? Porque corre tanto,
Sem para traz olhar, de susto cheia ?
O que é que em casa do seu leito esconde
No mais escuro ? O que ha roubado a louca ?

IX

Quando ella entrava em casa as penedias
O sol dourava ja. Perto do leito
Cahindo de cansaço, á cabeceira
A fronte recostou ; dir-se-ia ao vél-a
Que lhe-vinham remorsos. Por instantes
Sahiram-lhe dos labios descorados
Palavras sem sentido, enquanto ao longe
Feroz o mar como um leão rugia.

« E meu marido o que dirá chegando ?
Meu Deus, que fui fazer ? Pois não bastavam
Estas cinco crianças ! Pobre d'elle !
Vim augmentar o seu trabalho e sustos
Com estas mais.— Eil-o que chega ! E' elle !

Ainda não.—Fiz muito mal.— E's justo,
Si me-espancar, dir-lhe-hei.—E' elle aghora !
— Ainda não ; melhor !— A porta bole
Como si entrassem ; porém não.— Coitado !
Temo-me aghora de o-ja ver de volta ! »
Depois ficou mais pensativa e trémula,
Em gradativa angustia mergulhada,
Como perdida em fundo abysmo, e surda
A tudo que a-cercava, á voz dos corvos,
Que passam como negros pregoeiros,
Surda á vaga, á maré e ao vento em cholera.

Mas derepente a porta se-escancára,
E no raio de sol, que a sala inunda,
O pescador as redes arrastando
Molhadas inda, galhofeiro exclama
Do umbral da choça : « Que famosa pesca ! »

X

« E's tu ! » gritou Joannita, e contra o peito
Seu marido estreitou como um amante,
E com transportes lhe-beijava as roupas,
Emquanto : « Aqui me-ten-s », elle exclamava,
Na bronzea fronte o coração mostrando
Illuminado à luz dos olhos d'ella.
« Roubou-me o mar, lhe-diz ; como as florestas
Assim é o mar. Roubou-me pois !— Que tempo
Fez lá por sôra?— Mau.— E a pescaria ?

— Ruim ; porém aghora que te-abraço
Ja satisfeito estou. Nada te-trouxer.
Rompeu-se a rede. O diabo estava occulto
No vento que soprava. Houve um momento,
Em que pensei que se-virava o bote ;
Foi quando a amarra se-partiu. Que noite !
E o que fazias tu por esse tempo ?

— Eu, diz Joannita perturbada e trêmula,
Cozi. Ouvia o mar com seus lamentos
E tinha mêmô. — Sim o hynverno é rude,
Mas pouco importa. — « Então tremendo e fria
Como os que fazem mal, ella lhe-torna :
« Não sabes, não ? Nossa vizinha é morta.
Devia ter morrido hontem de tarde,
Ou ja de noite, quando tu partiste.
Desamparados deixa dous filhinhos,
Guilherme e Margarida ; um d'esses miseros
Apenas anda, o outro inda nem isso.
Vivia na miseria a pobresinha ! »

Tomando então um ar tristonho, o homem
A um cênto atira o seu *bonnet* molhado
E : « Diabo ! diabo ! » diz, pelo cabello
Passando a mão callosa. — Cinco filhos
Tinhamos ja, com estes vão ser septe.
Ja nas más estações muitas das noites
Dormiamos sem ceia, e aghora ? E aghora ? !
Ora essa é bôa ! Não é culpa nossa.
E' Deus que o-quer. São casos graves estes.
Porque tira Elle a esses maltrapilhos
A mãe ? E' claro como a luz. São cousas

Duras decreto : para comprehendel-as
E' preciso, bem sei, ser um letrado.
Tão pequeninos ! Nem siquer lhes-pôssو
Dizer : Trabalhem ! Vae, mulher, buscal-os.
Si acordados estão, devem ter medo
De estar a sos aopé da pobre morta.
Ouves ? A mãe á nossa porta bate ;
Abramo-la aos filhinhos. Pela tarde
Misturados aos nossos, aos joelhos
Virão trepar-nos. Viverão comnosco.
Irmão e irman serão dos outros cinco.
Quando Elle vir que é fôrça alimentarmos
Além dos nossos uma filha e um filho,
Deus mandará mais peixe á minha rede.
Eu agua beberei. Minha tarefa
Dobrada sique. Vae, mulher, buscal-os.
Então que tens ? Parece que te-ensfadas ?
D'antes, mulher, andavas mais depressa.

— Ei!-os, diz ella, abrindo os cortinados.

FIM

Typ. COSMOPOLITA, rua Gonçalves Dias n. 19.

INDICE

	PAGS.
Resurreição	14
A' mocidade.	15
Ignorâe Deae.	19
Voto	23
Perdão!	25
Amemos	27
Vem!.	31
No <i>álbum</i> do Dr. Duarte P. Schutel.	37
Fascinação	41
Ambas	45
Desejos	49
O Golpho de Baias (Versão de Lamartine)	53
Fragmentos	59
Ao Dr. Francisco Portella.	63
A andorinha (Poesia de Lamartine)	69
A' prematura morte de Ramiro Bastos.	71
A' poetisa das NEBULOSAS	73
Ama-se a vida	75
Penso em ti	77
Aos vencedores de Paysandú	81
Ao Paraguay!	85
A's armas do Brazil	89
A' tomada de Humaytá.	93
A paz.	97
Pobresinhos! (Poemeto de Victor Hugo)	101

ERRATA

Na pagina 35, estrophe 4^a, lê-se o segundo verso :

Alegrar minha triste solidão.



3 0000 006 707 347

**DO NOT REMOVE
SLIP FROM POCKET**

PRO
DATA

PRINTED IN U.S.A.

Digitized by

Google

